

# ESTADO DE SÃO PAULO

## Houve mesmo recessão no ano passado?!

*Ben Brasil*

03 MAR 1982

Os que vivem de ilusões esperavam que, em sua Mensagem ao Congresso — a versão nacional da Mensagem sobre o estado da União, tradicionalmente emitida pelo presidente dos Estados Unidos —, o presidente da República esclarecesse as razões da recessão econômica, a maior que sofreu o Brasil desde a II Guerra Mundial. Lendo, porém, o texto da Mensagem, quem não tivesse acompanhado a evolução econômica do País continuaria ignorando que houve uma recessão, uma vez que esta palavra não foi empregada para caracterizar alguma fase da economia brasileira, mas apenas referida aos países industrializados, que apresentaram crescimento positivo de 1,25%, em contraste com o desenvolvimento negativo de 3,5% que o Brasil registrou.

Consta que a Mensagem já estava pronta desde algumas semanas e que faltava apenas juntar-lhe os dados relativos ao "crescimento" do PIB, que a Fundação Getúlio Vargas devia fornecer. Ao que parece, quando foram transmitidos ao Palácio do Planalto, os dados não agradaram aos autores da

Mensagem, que teriam considerado que o crescimento negativo de 3,5% era incompatível com a exaltação dos progressos feitos em todos os domínios. A saída que se escolheu foi, como se depreende da leitura do documento, simplesmente ignorar os dados fornecidos pela Fundação. Se fossem consultados a respeito, os autores da Mensagem certamente dariam esta explicação bem simples: tais dados não merecem confiança e o IBGE está elaborando sua própria estimativa do PIB, pretendendo apolar-se num levantamento mais sério (oxalá assim seja...) e mais amplo, para ver se será possível ganhar mais alguns pontos e proclamar que a recessão não foi tão grande...

A despeito do crédito de confiança que podemos conceder ao IBGE, sabemos que nenhuma revisão dos dados evitará que o resultado seja um crescimento negativo. A recessão de 1981 permanecerá na História como a maior desde os anos 30, uma vez que o pior resultado obtido no pós-guerra datava dos tempos do governo Goulart, quando se registrou um crescimento positivo de 1,5%, e que, no tocante à indústria, o

pior foi o de 1965, quando se registrou uma taxa negativa de 4,7% (em 1981, a taxa negativa da indústria chegou a 8,4%). Cobia, pois, na Mensagem, uma explicação sobre esta importante recessão.

O presidente da República não recela aborrecer seus leitores com números, pois tratou de informá-los acerca da área dos parques nacionais e das reservas biológicas na primeira parte de sua Mensagem. Era natural que fizesse alguma alusão aos dados da Fundação, ao menos para informar que o governo está refazendo o cálculo do PIB. Limitou-se, porém, o presidente, em sua Mensagem, a fazer referências indiretas ao fenômeno da recessão, atribuindo-o simplesmente à recessão (esta designada expressamente) mundial. Assim, obtemperou: "Seria para admirar se o Brasil permanecesse imune às agruras e asperezas que angustiam a economia mundial".

Aos que procuram explicações para esta recessão "não oficializada", diversos trechos da Mensagem oferecem resposta: a crise mundial foi responsável

pela queda das atividades e pela inflação nacional. Não podemos negar o fato de a Mensagem fazer alusão a mais um fator, a saber, a política salarial, aliás, adotada pelo atual governo em 1979. Mas, se essa política é responsável pela recessão e pela inflação, cabe indagar: por que continuar a defendê-la, pretextando objetivos sociais, como se fosse melhor deixar que alguns privilegiados percebam 10% além do INPC, mas à custa do crescimento do número de desempregados de maior rotatividade da mão-de-obra e de inflação maior?! Aliás, o mesmo se pode dizer do sistema de correção monetária. A questão não é subtrair a da inflação; mas, se a correção é inflacionária, de estudar a conveniência de mudar de sistema.

A Nação tem de ser informada por intermédio de seus representantes. Cabe ao governo reconhecer que ocorreu uma recessão — até admitimos que talvez fosse inevitável — e explicar as razões por que calu tanto a produção industrial. O que não se concebe é que o presidente silencie sobre um problema dessa magnitude, que atingiu, em graus diversos, todos os lares brasileiros.